

Borba e a 3ª das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* renderam-lhe 250 mil réis cada uma. Havia casos de sucesso relativo, porém, de venda ou de crítica, ou de ambas, tudo nos estreitos limites da época: em 1902, por exemplo, e exemplo que não pode ser generalizado, o Garnier lançou, em abril, um romance muito falado, o *Canaã*, de Graça Aranha, e o Laemmert, em dezembro, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que proporcionou ao autor “um ou dois contos de réis”. Sucesso igual só seria repetido em 1911, quando o Alves lançou *A Esfinge*, de Afrânio Peixoto. A Biblioteca Nacional só em 1910 passou da Lapa para o novo edifício, na Avenida; estava longe o tempo em que *A Semana*, a 4 de julho de 1886, noticiava assim a instalação de luz elétrica no velho prédio: “Vejam que fantasia, iluminar a ceia das traças e o sono dos empregados com lâmpadas Swan. . .”

Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível. O *Jornal do Comércio* pagava as colaborações entre 30 e 60 mil réis; o *Correio da Manhã*, a 50. Bilac e Medeiros e Albuquerque, em 1907, tinham ordenados mensais, pelas crônicas que faziam para a *Gazeta de Notícias* e *O País*, respectivamente; em 1906, Adolfo Araújo oferecia 400 mil réis por mês a Alphonsus de Guimaraens para ser redator de *A Gazeta*, em S. Paulo. No inquérito organizado por Paulo Barreto, e depois reunido no volume *O Momento Literário*, uma das perguntas era esta: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” A maioria respondeu que bom, naturalmente. Félix Pacheco esclareceu, com exatidão: “Toda a melhor literatura brasileira dos últimos trinta e cinco anos fez escala pela imprensa”. Medeiros e Albuquerque viu outros aspectos da questão: “É certo que a necessidade de ganhar a vida em misteres subalternos de imprensa (sobretudo o que se chama a ‘cozinha’ dos jornais; a fabricação rápida de notícias vulgares), misteres que tomem muito tempo, pode impedir que os homens de certo valor deixem obras de mérito. Mas isto lhes sucederia se adotassem qualquer outro emprego na administração, no comércio, na indústria. O mal não é do jornalismo: é do tempo que lhes toma um ofício qualquer, que não os deixa livres para a meditação e a produção”.

Entre os jornais que dão destaque às letras alinham-se, principalmente, o *Diário Mercantil*, de S. Paulo; *O País*, desde 1884, o *Novidades*, entre 1887 e 1892, o *Correio do Povo*, em 1891, *A Notícia*, *A Imprensa*, ainda no século XIX; mas, quando entra o novo século, as folhas principais acolhem letras e letrados. Os principais folhetins do tempo, isto é, as seções permanentes e assinadas, são, no *Jornal do Comércio*, “Ver, ouvir e contar”, em que Jaime Séguier substitui o barão de Sant’Ana Neri; as “Domi-